

Malestar y declive de la cultura en Freud

Malaise and cultural decline in Freud

Diego Luiz Warmling, Renato dos Santos*

Universidade Federal de Santa Catarina, Pontifícia Universidade Católica do Paraná
diegowarming@hotmail.com, renatodossantos1@hotmail.com

DOI: 10.5281/zenodo.4320831

Recibido: 11/03/2020 **Aceptado:** 05/11/2020

Resumen: Este artículo analiza la noción de malestar resultante de los impases de tensión entre el individuo y la cultura, de acuerdo con los resultados obtenidos por las reflexiones psicoanalíticas de Freud. A pesar de ciertos momentos de su trabajo, es posible visualizar una cierta posibilidad de emancipación del sujeto a través de la reflexión o el análisis clínico en sí mismo, el psicoanalista no deja de notar una cierta entropía presente no solo en el ser humano, sino en cada ser vivo. Es un movimiento dentro del propio organismo que conduce a su agotamiento, encontrando su propósito en declive.

Abstract: This article analyzes the notion of *malaise* resulting from the tension impulses between individuals and cultures, according to the results achieved by Freud's psychoanalytic reflexes. Despite certain moments in his work, it is possible to envision a certain possibility of emancipation of the individual through reflection or clinical analysis itself, or the psychoanalyst does not fail to notice a certain entropy present not only in the human being, but in the whole being alive. It is a movement within the organism itself that leads to its exhaustion, meeting its demand in decline.

Palabras clave: Malestar, Disminución, Cultura, Freud. **Keywords:** Malaise, Decline, Culture, Freud.

* Warmling Estudió historia en la Universidad Estatal de Santa Catarina (UDESC), y maestría en filosofía en la Universidad Federal de Santa Catarina (UFSC). Estudiante de doctorado en ontología en el Programa de Posgrado en Filosofía de la Universidad Federal de Santa Catarina (PPGFil UFSC).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4400-8170>.

Dos Santos Máster en Filosofía, por el Programa de Postgrado en Filosofía de la Pontificia Universidad Católica de Paraná (PPGFil / PUCPR). Estudiante de doctorado en Filosofía, PPGFil / PUCPR.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1402-7162>

Em *O Futuro de uma Ilusão* (1927), Freud parece sustentar certo otimismo ao acreditar numa possível reconciliação do humano consigo e com os outros através da razão. Assim como acontece de os indivíduos superarem seus traços infantilizados quando, na vida adulta, a reflexividade tética passa a comandar grande parte de suas vidas, também as sociedades devem amadurecer na medida em que as instâncias civilizatórias adquirem maior peso e importância. Este processo consiste, em verdade, no abandono gradual das crenças e desejos que se formam desde a infância (juntamente com os impulsos ainda não canalizados ou dominados) e que, com o avanço da razão, tendem a nos proporcionar reflexões cada vez mais amplas e inteligentes sobre a natureza, de modo a adquirirmos uma visão de mundo mais sólida. Permitindo-nos atribuir à cultura os mesmos processos com os quais os neuróticos superavam suas obsessões infantis, diante desta perspectiva, a vida em comunidade seria antes um conjunto de renúncias consentidas que, tendo em vista o bem-estar social, desvincular-se-iam paulatinamente de campos do pensamento fora do alcance científico (religião, por exemplo), favorecendo as regulamentações racionais sobre as relações humanas.

O otimismo de 1927 era de tal modo que, mesmo reconhecendo a importância socialmente paliativa de algumas ilusões persistentes desde a tenra idade, chegava mesmo a acreditar na possibilidade dos seres humanos aceitarem voluntariamente certas proibições e exigências em prol da valorização de uma concepção mais realista dos vínculos criados entre si e a compreensão da natureza. Para além da vontade divina, a moral, por exemplo, não teria de fundar-se exclusivamente sob os mandos do senhor, mas seria o fruto do livre arbítrio humano no que tange as proibições e exigências advindas da comunidade. *O Futuro de uma Ilusão* almeja uma época onde as demandas morais não só se desvinculariam das ilusões paliativas atreladas à religião, como põe o sujeito à serviço da felicidade humana em geral e a favor de sua reconciliação com as imposições civilizatórias. O que a obra nos apresenta é, afinal, o financiamento de uma reforma científica progressiva das instituições sociais necessárias à intelectualidade e ao fomento da solidariedade humana: “acreditamos que seja possível [...] obter algum conhecimento sobre a realidade do mundo, através do qual podemos aumentar nosso poder e organizar nossa vida”¹. No

¹ FREUD, Sigmund. (1927). << O Futuro de Uma Ilusão >>. En: FREUD, Sigmund. *Inibição, Sintoma e Angústia, O Futuro de Uma Ilusão e Outros Textos*. Companhia das Letras, São Paulo, 2014, p. 299

entanto, assim como a segurança de seu normativismo, a certeza de uma civilização tão longeva desaparece quando, três anos mais tarde, Freud começa a situar sua obra sob o signo da tragédia. A partir de 1930, salta aos olhos a impossibilidade de tal reconciliação entre o indivíduo e a sociedade, pois a espécie humana estaria fadada a extinguir-se devido ao seu processo civilizador.

De fato, sendo por muito tempo alocado entre os escritos sociológicos/antropológicos, *O Mal-Estar na Civilização* (1930) indica que, mesmo com o constante desejo de exorcizar tais ideias, não seria mais possível negar as consequências danosas da civilização sobre o indivíduo, ainda que este trabalho seja considerado um dos componentes da parte mais supérflua da monumental obra freudiana. Buscando trazer à cultura os mesmos exames feitos, em 1927, sobre a religião, o livro de 1930 é tudo, menos agradável; e as análises que anuncia sobre temas banais como a civilização, o sentimento de culpa, a felicidade, etc., vem antes registrar o aspecto trágico, violento e mesmo destrutivo que a todo instante o humano busca negar em sua constituição. Por mais que trate suas conclusões como banais se comparadas aos trabalhos precedentes, *O Mal-Estar na Civilização* foi para Freud mais importante do que admitia, pois só a partir daí foi possível assumir os riscos de se introduzir a hipótese da *pulsão de morte* no escopo de uma teoria da cultura. Se *Além do Princípio do Prazer* (1920) foi a obra responsável por transformar a função do Ego em meio aos conflitos entre suas múltiplas instâncias, quando em 1930 a *pulsão de morte* invade o campo social, a constante luta entre *pulsão de vida* e *pulsão de morte* passa a ser o princípio norteador da gênese, operacionalidade e destruição da civilização. Com base nisto, podemos dizer que, para além do otimismo da obra de 1927, este transtorno da obra freudiana viria traduzir não somente seu interesse cada vez mais recorrente entorno dos fenômenos culturais, mas sobretudo a operacionalização unitária das duas pulsões por toda a textura do mundo: o “provável triunfo da *pulsão de morte*, apesar dos esforços desesperados de Eros”².

Como que retomando algumas pontas soltas de *O Futuro de Uma Ilusão*, as primeiras linhas de *O Mal-Estar na Civilização* começam prudentes ao sublinhar o registro de um comentário tecido por Romain Rolland, quando este lastimara a ausência de um “sentimento religioso”, de uma “sensação de eternidade” ou ainda

² ENRIQUEZ, Eugène. *Da Horda ao Estado: Psicanálise do Vínculo Social*. Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1990, p. 99

de um “sentimento oceânico” no desenvolvimento da obra de 1927. Freud admite não ter feito comentários mais escritos ao problema da fonte da religiosidade e – em resposta ao amigo – diz que no mais das vezes as pessoas subestimam os verdadeiros valores da vida, utilizando-se de medidas falsas na busca daquilo que acreditam ser a felicidade. Em verdade, uma fonte como esta trata-se antes do sentimento de algo ilimitado (sem fronteiras), de uma comunhão oceânica (quase indissolúvel) com o mundo externo, mas que, devido às discrepâncias entre os atos ideativos, os atos atuais e a diversidade dos desejos, constitui um fato estritamente subjetivo. Sem conseguirmos ao certo divisar sua origem científica, esta sensação não nos traria “qualquer garantia de sobrevida pessoal, mas seria a fonte da energia religiosa de que as diferentes Igrejas e sistemas de religião se apoderam”³. E se, com base nisto, qualquer pessoa poderia considerar-se religiosa, para o austríaco, tal sentimento seria tão somente uma percepção intelectual, descritível apenas por meio de sinais fisiológicos. Faz-se, então, necessário considerar se isto pode de fato ser admitido como a origem de todas as necessidades religiosas.

Na contramão de seu amigo, Freud entende que a ideia da humanidade adquirir desde cedo uma comunhão imediata com o mundo ajusta-se tão mal à trama psicanalítica que seria possível tentar uma explicação genética para esta sensação oceânica. Com efeito, na maioria dos casos é o Eu enquanto unidade autônoma quem figura como sendo a nossa demarcação mais segura frente ao mundo. E ainda que este sentimento de si (Eu) não possua fronteira definida e se prolongue em direção ao inconsciente até o que entendemos por Id, ao menos em direção à alteridade ele parece nos oferecer limites mais ou menos precisos. Porém, assim como numa relação amorosa, nos casos de patologia as fronteiras entre Eu e outro também são bastante tênues. N’ambos os exemplos, sujeito e alteridade tendem desaparecer numa só unidade, o que nos permitiria inferir tanto que as demarcações egóicas não são permanentes, quanto que o sentimento de si sempre estará sujeito a transtornos. O Eu só pode ser compreendido a partir de probabilidades, que se estendem desde o período de infância, onde é constituído por via de suas respostas aos estímulos externos diversos. Diante deles “se contrapõe [...] um ‘objeto’, como

³ FREUD, Sigmund. (1930). << O Mal-Estar da Civilização >>. En: _____. *O Mal-Estar da Civilização, Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise e Outros Textos*. Companhia das Letras, São Paulo, 2010, pp. 14-15

algo que se acha ‘fora’ e somente através de uma ação particular é obrigado a aparecer”⁴.

Seguindo esta lógica, se inclusive a dor constitui um dos fatores para o reconhecimento do mundo externo e para fomentação do Eu, surge então a tendência a isolá-lo de todas as fontes de desprazer, de modo a formar um primitivo Eu-de-prazer, que se opõe às ameaças desconhecidas do mundo externo, sem, contudo, poder escapar às retificações da experiência. Chega-se num modo de proceder que nos permitiria não só distinguir as instâncias interiores e exteriores do sujeito, mas que abriria o caminho para a primeira elucidação do princípio de realidade, tão famoso a partir de *O Mal-Estar na Civilização*. Segundo Freud, é sob esta perspectiva “que o Eu se desliga do mundo externo. Ou, mais corretamente: no início o Eu abarca tudo, depois separa de si um mundo externo”⁵. O sentimento de si corresponde, portanto, à uma atrofia de um sentimento ainda mais amplo e abrangente, que é por si só a correspondência de uma ligação antepositiva do sujeito com as relações mundanas e que, como se fosse uma contraparte do Eu em sua maturidade, nos remete à uma ausência de limites na ligação com o outro, por sua vez ilustrada pelos mesmos conteúdos ideativos daquele tal sentimento oceânico. Assim, se distintamente da vida orgânica, no âmbito da psique se faz frequente a conservação de certas instâncias primitivas junto ao plano das atualidades, logo tocamos no problema da conservação dos dados psíquicos, pois uma vez que uma parte de sua ação pulsional fica intacta, a outra vai se desenvolvendo.

Desde que superamos o erro de achar que nosso habitual esquecimento significa uma destruição do traço mnemônico, tendemos à suposição contrária de que na vida psíquica nada que uma vez se formou pode acabar, de que tudo é preservado de alguma maneira e pode ser trazido novamente à luz em circunstâncias adequadas, mediante uma regressão de largo alcance⁶

Contudo, se compararmos, por exemplo, a evolução de uma cidade tão antiga quanto Roma com o dinamismo da vida psíquica, veremos apenas que estamos

⁴ FREUD, Sigmund. *O Mal-Estar da Civilização*, p. 18

⁵ FREUD, Sigmund. *O Mal-Estar da Civilização*, p. 19

⁶ FREUD, Sigmund. *O Mal-Estar da Civilização*, pp. 20-21

distantes de entender suas particularidades por meio de representações visuais. Mesmo quando pacífica, a evolução de uma cidade implica a demolição e substituição de prédios e construções. Distintamente do que acontece com o suceder histórico da cidade eterna, para a psique, a hipótese de uma completa conservação do passado é válida apenas quando os órgãos não tenham sido afetados por algum trauma, o que não só torna esta comparação inadequada, como aponta para as suas afinidades com o corpo humano. Todavia, também aqui o fenômeno da conservação só se faz possível na vida psíquica. Sem que possamos representar visualmente este fenômeno, de acordo com Freud, talvez devêssemos nos acalantar com a ideia de que de fato o passado pode ser conservado na vida psíquica sem necessariamente ser destruído, ainda que, em determinados casos, é plausível sustentarmos que alguns elementos do passado sejam apagados a ponto de não poderem mais ser reanimados. Pondo um fim nesta digressão, podemos “tão só nos ater ao fato de que a conservação do passado na vida psíquica é antes a regra do que a surpreendente exceção”⁷.

Isto posto, se por um lado é verdadeiro que a conservação dos registros passados é possível apenas no âmbito psíquico e se, por outro, estamos dispostos a aceitar a presença daquele tal “sentimento oceânico” em muitos homens, no que diz respeito a fonte das necessidades religiosas, para Freud não será possível pôr em questão a ideia segundo a qual esta origem deriva antes de um sentimento que se estende desde a infância, mas que se faz duradouro devido ao medo ocasionado por um poder superior. Nos referimos ao desamparo infantil e à nostálgica sensação de proteção despertada pela ausência da figura paterna. Se de algum modo a evocação de Romain Rolland busca o restabelecimento de um investimento narcísico ilimitado, salta aos olhos como o referido “sentimento oceânico” é vinculado à religião apenas em momentos posteriores. Esta tal sensação de união com o universo dada através da religião nada mais seria do que um caminho paliativo para negar/desviar o Eu das ameaças advindas do mundo externo.

Podemos dizer que para Freud a associação deste sentimento com a fonte da religiosidade representa a repetição da sensação de plenitude vivenciada pela criança antes de sua separação psicológica com a figura da mãe. É tão só a reformulação da necessidade de proteção paterna – “do eu primário, do eu-prazer do qual o eu adulto

⁷ FREUD, Sigmund. *O Mal-Estar da Civilização*, p. 24

[...] sente saudade periodicamente”⁸. Assim, se *O Futuro de Uma Ilusão* esteve muito mais preocupado em buscar o que o “homem comum entende como sua religião”⁹ e, com isto, caiu em falta quando pôs para segundo plano uma descrição mais detalhada das fontes do sentimento religioso, em *O Mal-Estar na Civilização* vemos esta providencia como algo tão alheio à realidade que o humano comum só pode imaginá-la como um pai excessivamente superior. Como se estive expurgando as conclusões da obra de 1927, Freud diz que a solicição de uma providência segundo esta magnitude “é tão claramente infantil [...] que para alguém de atitude humanitária é doloroso pensar que a grande maioria dos mortais nunca se porá acima desta concepção de vida”¹⁰.

Em 1930, Freud lembra-nos que a vida humana como um todo é caracterizada pelo fato de os objetivos do princípio do prazer não conseguirem atingir suas finalidades. As incontáveis tentativas falhariam, e o humano estaria muito mais propenso a vivenciar a infelicidade. Assim como os prazeres se submetem ao princípio da realidade, também a humanidade renunciaria à sua felicidade diante dos obstáculos que se lhe impõem. Desta forma, buscaríamos a todo instante vias paliativas para atenuar nosso eterno sofrimento, a saber: poderosas diversões¹¹, gratificações substitutivas¹² ou ainda substâncias inebriantes¹³.

Ora, se então nos perguntarmos acerca dos laços entre arte, ciência e religião, não teremos como negar que esta última pode ora colocar-se em oposição às outras duas realizações, ora afirma-se como substitutiva de ambas no que tange os valores da vida. Não é fácil encontrar o seu lugar entre tais paliativos, mas se de alguma forma nos preocuparmos com a finalidade da vida, dificilmente cairíamos em equívoco se concluirmos “que a ideia de uma finalidade na vida existe em função do sistema religioso”¹⁴. Todavia, é precisamente este confronto com a realidade de nossa miséria terrena que os sistemas religiosos procuram suprimir quando incutem nos indivíduos um delírio substitutivo ao mundo real. Assim, se diante de nossas

⁸ ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. *Dicionário de psicanálise*. Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1998, p. 490

⁹ FREUD, Sigmund. *O Mal-Estar da Civilização*, p. 26

¹⁰ FREUD, Sigmund. *O Mal-Estar da Civilização*, p. 27

¹¹ Que fazem pouco caso de nossa miséria.

¹² Que acalentam nosso sofrer.

¹³ Que nos tornam insensíveis.

¹⁴ FREUD, Sigmund. *O Mal-Estar da Civilização*, p. 29

insolúveis dores e decepções não podemos prescindir de tais métodos, é em meio a estas três causas essenciais que Freud opta por considerar questões menos ambiciosas se comparadas, por exemplo, com o projeto de 1927. Buscar-se-á o que se revela a partir da “própria conduta dos homens acerca da finalidade e intenção de sua vida, o que pedem eles da vida e desejam nela alcançar”¹⁵.

Com efeito, se a resposta mais certa para tais questionamentos é a busca pela felicidade e, com isto, a tentativa de dar continuidade a este estado, não tardará para nos darmos conta de que tal busca possui sempre dois lados: um positivo – marcado pela experiência de fortes prazeres – e outro negativo, acentuado pela ausência de dores ou sofrimentos. De acordo com Freud, quando falamos da finalidade da vida segundo esta perspectiva, o que em verdade está se desempenhando é o programa do princípio do prazer, que, recorrente desde o início de nossa vida pulsional, predomina sobre nosso aparelho psíquico. Entretanto, este programa está por si só em desacordo com as totalidades macro e microcósmicas do mundo. Assim, se uma vez entendemos que felicidade humana corresponde a uma satisfação episódica e repentina de algumas necessidades altamente repressadas, só seremos felizes por contraste à uma completa fruição da libido. Sendo ela predominantemente guiada, será, portanto, muito mais fácil vivenciarmos a infelicidade e o sofrimento.

Para este Freud de *O Mal-Estar na Civilização*, o sofrer ameaça a partir de três flancos. O primeiro é o corpo, que, condenado à decadência, não consegue livrar-se de sinais como dor e medo; o segundo é mundo externo, do qual emanam forças destrutíveis poderosíssimas sobre nossa constituição; e o terceiro tem a ver com a insatisfação das necessidades pulsionais, provocada pelas relações que mantemos com os outros. A plena satisfação dos desejos parecer-nos-á, aqui, bastante tentadora, mas significa apenas ter de assumir os reverses de dispor o gozo antes da cautela. Assim, se o sofrimento nos ameaça a partir destes três flancos, ao longo de diversas páginas o autor irá empenhar-se em tecer comentários sobre distintas técnicas comumente utilizadas para evitar a dor: o afastamento, a intoxicação química, a arte, etc. Ao longo destas páginas, somente algumas ressalvas sobre a arte, o trabalho¹⁶ e a beleza como qualidade do objeto sexual¹⁷ prendem nossa atenção,

¹⁵ FREUD, Sigmund. *O Mal-Estar da Civilização*, p. 29

¹⁶ De acordo com Freud, uma técnica de veras eficiente ao cuidado paliativo das dores tem a ver com uma certa flexibilização da libido: “a tarefa consiste em deslocar de tal forma as metas dos instintos, que eles não podem ser atingidos pela frustração a partir do mundo externo” (FREUD, 2010, p. 35). Ajudado pelo

mas tão somente para nos abrir campo ao escopo da obra – o estudo das relações dos seres humanos entre si – e para dar a cartada final sobre os sistemas religiosos, cujos imperativos servirão apenas para impedir o humano de escolher livremente as técnicas de evitação de dor que mais lhe são apropriadas.

A religião estorva esse jogo de escolha e adaptação. [...] Sua técnica consiste em rebaixar o valor da vida e deformar delirantemente a imagem do mundo real, o que tem por pressuposto a intimidação da inteligência. A este preço, pela veemente fixação de um infantilismo psíquico e inserção num delírio de massa, a religião consegue poupar a muitos homens a neurose individual¹⁸.

Em conclusão, dizemos enfim que não existe de fato um programa para a felicidade. Imposto pelo princípio do prazer, este dispositivo é irrealizável. O problema, no entanto, é que, devido à atuação de tal princípio, jamais obtemos a permissão de em algum momento largar de mão os diferentes caminhos e esforços para sua realização. Não há conselhos válidos para todos, pois jamais alcançamos plenamente nossos desejos. E, na medida em que se faz possível, a felicidade é antes “um problema da economia libidinal do indivíduo”¹⁹. Seu êxito depende sobretudo da capacidade psíquica de adaptação do sujeito ao meio e, conseqüentemente, do modo como este

processo de sublimação, a eficácia deste método consiste em elevar o ganho de prazer com base em fontes de trabalho psíquico e intelectual, tal como acontecer com os artistas, por exemplo. Todavia, por mais que possa nos parecer uma técnica “fina e elevada”, sua fraqueza reside no fato de não poder ser aplicada a qualquer pessoa, pois “pressupõe talentos e disposições especiais, que não se acham presentes em medida eficaz” (FREUD, 2010, p. 36).

¹⁷ Valendo-se do aspecto deslocável da libido e agarrando-se aos objetos externos de modo a conseguir encontrar nas relações afetivas uma parcela de felicidade, o tipo de orientação vital que põe o amor como centro e encontra nas relações afetivas sua satisfação (o amor sexual) dá-nos o modelo mais comum de busca pela felicidade. Familiar a todos, sua fragilidade reside, contudo, em nunca estarmos totalmente preparados “ante o sofrimento do que quando amamos, nunca mais desamparadamente infelizes do que quando perdemos o objeto amado ou seu amor” (FREUD, 2010, p. 39). Neste ponto, podemos atentar-nos, diz Freud, para os casos onde a felicidade encontra-se no gozo daquilo que é belo: “essa atitude estética para com o objetivo da vida não oferece muita proteção contra a ameaça do sofrer, mas compensa muitas coisas” (FREUD, 2010, p. 39). Assim, se a beleza nos aparecer como ligada a traços secundários da sexualidade, o que nestes casos permanece inquestionável é que ambos são exemplos de pulsões inibidas na meta – ideia esta que trabalharemos no próximo tópico.

¹⁸ FREUD, Sigmund. *O Mal-Estar da Civilização*, p. 42

¹⁹ FREUD, Sigmund. *O Mal-Estar da Civilização*, p. 40

conquista seu ínfimo quinhão de prazer. Ao exigir uma renúncia deveras significativa deste quinhão vital, a mesma civilização que favorece o fomento das técnicas que nos garantem o domínio sobre a natureza e nos transformam em novos deuses, é também a grande responsável pela proliferação de nossas neuroses e desventuras. Portanto, se *O Futuro de Uma Ilusão* nos prometia uma visão otimista onde o humano estaria desvencilhado de todas as suas ilusões, em 1930 vemos a descrição de um indivíduo que não consegue ser feliz com a civilização, mas que também não pode sobreviver sem ela, ainda que deseje ardentemente ver-se afastado desta sua sociedade impositiva e limitante.

Seguindo o desenvolvimento da análise d'*O Mal-Estar...*, não tarda para darmos conta de que, das três fontes donde advém nosso sofrimento, é das dores causadas pela insuficiência das leis e normas que regem e condicionam o agir junto às instâncias sociais e estatais que Freud está se referindo. De fato, ainda que possamos abolir ou mitigar parte de nossas mazelas, no tocante às duas primeiras fontes é inevitável a rendição perante os poderes degenerativos da natureza, mas uma atitude assim passiva não necessariamente pode ser estendida à terceira fonte, pois aqui não conseguimos ao certo compreender os motivos de as instituições por nós mesmos criadas não proporcionarem à todos o bem-estar e a proteção solicitados, o que nos faria suspeitar da existência de uma natureza indomável presente em nossa constituição psíquica. Segundo Freud, diante de asserções como estas, se boa parte de nossas misérias são relativas aos vínculos civilizatórios, poderíamos facilmente aventar a ideia de que “seríamos bem mais felizes se a abandonássemos e retrocedéssemos a condições primitivas”²⁰. Mas, alerta-nos, se na mesma medida levarmos em consideração o quanto tal hostilidade está presente, por exemplo, nas doutrinas cristãs (ou seja, na desqualificação da vida mundana), uma inferência assim tão drástica é de fato espantosa, pois, seja qual for a definição do conceito de civilização, “é fato estabelecido [...] que tudo aquilo com que nos protegemos da ameaça das fontes do sofrer é parte da civilização”²¹.

Motivados pela promessa de aí encontrar um horizonte de satisfações substitutivas, muitos indivíduos evitam os sofrimentos recorrendo a tentativas desesperadas de

²⁰ FREUD, Sigmund. *O Mal-Estar da Civilização*, p. 44

²¹ FREUD, Sigmund. *O Mal-Estar da Civilização*, p. 44

fuga e rebelião pela via da neurose. De acordo com Freud, tornam-se neuróticos por não conseguirem suportar – em nome de certos ideais culturais – as privações que a vida em sociedade lhes impõe. Muitos homens chegam a acreditar que, se tais exigências fossem abolidas ou atenuadas, isto indicaria um novo campo para a felicidade. Mas, alerta-nos novamente o austríaco, em casos como estes, o crescente domínio sobre a natureza também tem atuado como um fator adicional de decepção. Ainda que possuam o direito de estarem verdadeiramente orgulhosos de suas realizações, não são poucos os homens que parecem ter percebido que o domínio de uma nova disposição espaço-temporal que submete as forças da natureza à nossa vontade não elevou nosso grau de satisfação, tampouco nos tornou mais felizes.

O poderio sobre a natureza, diz Freud, “não é a condição única da felicidade humana, assim como não é o único objetivo dos esforços culturais”²². A maioria destas satisfações são baratas; consistem “em pôr fora da coberta uma perna despida, numa noite fria de inverno, e em seguida guardá-la novamente”²³. E continua: para que serve uma vida longa “se ela for penosa, pobre em alegrias e tão plena de dores que só poderemos saudar a morte como uma redenção?”²⁴. Parece, em verdade, inquestionável o fato de que vivemos infelizes em nossa civilização, mas também não sabemos ao certo nem se a vida dos povos primitivos era feliz, nem o quanto as forças civilizatórias contribuía para suas felicidades. Diante disto, parece-nos enfim que a “a felicidade é algo inteiramente subjetivo”²⁵ e impossível de ser descrita mediante análise, pois à cada um lhe compete o quinhão que lhe for apraz. E se é assim, uma vez posta a infecundidade de tais digressões, o que Freud nos questiona é se já não é hora de perguntarmos sobre a essência desta tal civilização que a todo instante nos priva de nossa felicidade.

Ora, similarmente ao que havia sido fomentado em *O Futuro de Uma Ilusão*, em 1930 a ideia de civilização vem designar a soma de todas as “realizações e instituições que afastam a nossa vida daquela de nossos antepassados animais”²⁶, servindo-se assim sob dois aspectos: 1) a defesa contra as forças da natureza e 2) a regulação dos vínculos humanos entre seus semelhantes. Com efeito, a respeito do primeiro

²² FREUD, Sigmund. *O Mal-Estar da Civilização*, p. 46

²³ FREUD, Sigmund. *O Mal-Estar da Civilização*, p. 46

²⁴ FREUD, Sigmund. *O Mal-Estar da Civilização*, p. 47

²⁵ FREUD, Sigmund. *O Mal-Estar da Civilização*, p. 47

²⁶ FREUD, Sigmund. *O Mal-Estar da Civilização*, p. 49

aspecto, parece incontestável que nossos valores sirvam tanto para proteger-nos contra a violência das forças naturais, quanto para colocá-las sob nossa tutela e serviço. A começar pela escrita como materialização substitutiva do útero materno, os patrimônios conquistados pelo ser humano o tem aproximado cada vez mais dos ideias requeridos de uma cultura. Com o avanço das instâncias civilizatórias, ele mesmo tornou-se “uma espécie de deus protético, realmente admirável quando coloca todos os seus órgãos auxiliares”²⁷.

Incontáveis progressos são esperados e, se realizados, aumentam consideravelmente nossas semelhanças com os deuses. Sendo necessário acrescentarmos aos progressos materiais²⁸ “as produções artísticas e intelectuais e, em particular, os sistemas religiosos e filosóficos, que dão testemunho da atividade superior do espírito”²⁹, dizemos que, belas, limpas e ordeiras, a utilidade destas produções eleva significativamente o nível de reivindicações exigidas por cada um de nós em relação aos signos de uma civilização. Diz-se, com isto, que um país civilizado é aquele capaz de providenciar aos seus cidadãos “tudo o que serve para a exploração da Terra pelo homem e para a proteção dele frente às forças da natureza; em suma, tudo o que lhe é proveitoso”³⁰. Contudo, à revelia deste aspecto quase aurático de nossos avanços, o ganho de certos patrimônios culturais não necessariamente garante que nossa semelhança com o divino nos torne mais felizes. Tais avanços foram criados por nós e cresceram conosco, mas ainda são causa de inúmeros dispêndios.

Desta feita, se em parte nos é permitido acreditar num futuro onde seremos assim tão próximos dos deuses, por outro lado, quando nos referimos ao segundo aspecto das instâncias civilizatórias, vemos não só que muitos dos nossos utensílios não se bastam, mas que é bastante difícil aderir à tal progressão se uma vez passarmos a considerar os modos como são reguladas as relações sociais do homens entre si – como objetos sexuais de alguém (um outro) ou enquanto membros colaboradores de uma sociedade qualquer (familiar ou estatal). Seguindo a batuta da análise de 1930 vemos que, se n’algum momento fossemos destituídos das tentativas culturais por uma regulamentação das relações sociais, rapidamente estaríamos sujeitos às arbitrariedades de indivíduos fisicamente mais vigorosos. Nesta sociedade hipotética,

²⁷ FREUD, Sigmund. *O Mal-Estar da Civilização*, p. 52

²⁸ Economia e domínio técnico sobre as organizações.

²⁹ ENRIQUEZ, Eugène. *Da Horda ao Estado: Psicanálise do Vínculo Social*, p. 101.

³⁰ FREUD, Sigmund. *O Mal-Estar da Civilização*, p. 52

seríamos governados tão somente por leis cujas fundamentações estão antes pautadas por interesses e instintos. Todavia, como bem salienta Freud, a humanidade como um todo só se torna possível quando, em contraposição à força de um indivíduo, a supremacia de uma maioria social se sobrepõe e se conserva à tal ponto que, daí, emergem leis e estatutos. O poder desta comunidade se estabelece, por assim dizer, “como ‘Direito’, em oposição ao poder do indivíduo, condenado como ‘força bruta’”³¹. E se com isto entendemos que a vida em comum só é possível por meio de códigos e regulamentações que apontam aos indivíduos suas obrigações e deveres em relação ao outro, então a substituição dos poderes individuais não-domesticados pelos de uma comunidade de direitos é o passo necessário à formação da cultura.

Uma vez estabelecidos estes códigos condicionantes de uma civilização, a exigência seguinte é que estes mesmos direitos sejam capazes de garantir uma ordem legal justa, sem qualquer tipo de violação individualista. Como resultado desta peleja, se destaca a ereção de um direito universal que não permite a ninguém que “se torne vítima da força bruta”³², e para o qual todos contribuem. Mas é justamente em nome da garantia (e preservação) deste certo estado de bem-estar que o sujeito sacrifica parte de sua livre atividade pulsional para, tão somente assim, conseguir viver em comunidade. O que à esta altura se torna axiomático é uma célebre frase de Freud: em nome de um ideal de justiça, “a liberdade individual não é um bem cultural”³³.

Com efeito, segundo os moldes d’*O Mal-Estar na Civilização*, se tão fácil dizemos que, antes de viver em comunhão, o indivíduo era detentor de uma maior porção de liberdade, logo nos damos conta de que mal conseguia defende-la durante sua vida primitiva. A liberdade destes povos era, em verdade, destituída de qualquer valoração. Neste sentido, há de se convir que o que numa sociedade humana se faz sentir como sendo um impulso à liberdade não existe senão a partir de dois casos: ou 1) é a afirmação de si contra todos enquanto algo natural; ou 2) se faz sentir na revolta do indivíduo (ou grupos) contra certas instituições consideradas injustas. Se o primeiro caso pode figurar como um fator hostil à civilização – pois apela apenas à luta pela sobrevivência –, no segundo, por impor-se contra determinadas injustiças, pode muito bem tornar-se o estopim de “uma maior evolução cultural,

³¹ FREUD, Sigmund. *O Mal-Estar da Civilização*, p. 57

³² FREUD, Sigmund. *O Mal-Estar da Civilização*, p. 57

³³ FREUD, Sigmund. *O Mal-Estar da Civilização*, p. 57

permanecendo compatível com a civilização³⁴. No entanto, como astutamente nos aponta Enriquez, é pelo fato dos indivíduos reivindicarem seu quinhão de liberdade antes mesmo de qualquer vontade social que, para este último caso, será a própria civilização quem decidirá se o exercício de cidadania pela via da revolta é aceitável (e deve prosseguir) ou se é “fruto de um individualismo furioso e de um desejo de destruição”³⁵. Sendo, num só tempo, “juiz e parte interessada”³⁶, salta aos olhos como a grande maioria das restrições civilizacionais impostas ao humano são entendidas como instituições indispensáveis, sem as quais o horizonte social ruiria abruptamente. Isto se deve, segundo Freud, a um problema ainda mais fundamental, a saber: que “boa parte da peleja da humanidade se concentra em torno da tarefa de achar um equilíbrio adequado [...] entre tais exigências individuais e aquelas do grupo”³⁷.

Sendo, enfim, quase impossível alçar um meio-termo onde o indivíduo não padeça, sejam quais forem as circunstâncias, tal equilíbrio não consegue de fato impedir a civilização de repousar sobre uma renúncia pulsional. A própria evolução cultural nos permitiria, desta maneira, caracterizar um processo peculiar à toda humanidade, ou seja, de que o seu avanço gradativo efetua, sobre os indivíduos, graves mudanças “nas conhecidas disposições instintuais [...], cuja satisfação é, afinal, a tarefa econômica de nossa vida”³⁸. Predizendo, portanto, um futuro nada agradável, Freud diz que grande parte de nossa atividade pulsional é de tal modo alienada nas instâncias culturais que, tomando como exemplo o erotismo anal infantil³⁹, podemos facilmente enxergar traços de caráter naquilo que seriam as perversões. E se salta aos olhos o modo como, diante destas instâncias, muitas de nossas pulsões são deslocadas à ponto de encontrarem vias substitutivas de satisfação, o que o alemão destaca à esta altura é a constatação de que, em meio à civilização, a atividade sublimatória será uma imposição da civilização sobre nossas pulsões.

³⁴ FREUD, Sigmund. *O Mal-Estar da Civilização*, p. 57

³⁵ ENRIQUEZ, Eugène. *Da Horda ao Estado: Psicanálise do Vínculo Social*, p. 102

³⁶ ENRIQUEZ, Eugène. *Da Horda ao Estado: Psicanálise do Vínculo Social*, p. 102

³⁷ FREUD, Sigmund. *O Mal-Estar da Civilização*, p. 58

³⁸ FREUD, Sigmund. *O Mal-Estar da Civilização*, p. 49

³⁹ O interesse infantil nas funções excretoras transforma-se, no decorrer de se crescimento, no conjunto das características que, valiosas e vindouras, poderão “exacerbar-se até adquirir um marcante predomínio, e resultar no que chamamos caráter anal” (FREUD, 2010, p. 59).

Com efeito, seguindo o desenvolvimento de *O Mal-Estar na Civilização*, após dar-se conta de que era sua responsabilidade garantir, mediante o trabalho, as sortes durante sua vida terrena, não passaria despercebido ao humano primitivo que algumas pessoas estivessem empenhadas em ajuda-los e outras não. Desde cedo nossos ancestrais já haviam adotado o hábito de tornar próximos aqueles que de alguma forma poderiam ampará-los. Dá-se aí o surgimento das primeiras famílias. E é de supor que estas formações estivessem relacionadas ao fato de as necessidades genitais não se apresentarem mais como hóspedes, mas se estabelecerem como inquilinas. Todavia, mesmo quando motivados a cultivar entre si alguns sentimentos de afeto, mesmo que em muitos casos a figura masculina já possuísse motivos para conservar junto de si uma fêmea, o interesse maior da vida primitiva residia em buscar manter por perto os indivíduos mais fortes. Tanto da parte do homem, quanto da mulher e dos filhos, buscava-se a alguma forma de proteção.

Não há como negar, portanto, que faltava às comunidades primitivas um traço essencial para o fomento de uma civilização, pois em muitos casos o descomedimento do chefe “não tinha limites”⁴⁰. Ora, de acordo com Freud, já em *Totem e Tabu* (1913) a vitória dos filhos sobre o pai trouxe à baila a constatação de que somos muito mais fortes quando associados do que quando lutamos sozinhos. Enquanto o *totemismo* mostrou como, em busca da manutenção de certas ordens vigentes, estamos pautados por restrições que nos são impostas uns aos outros, os preceitos de um *tabu* evidenciavam a emergência dos primeiros códigos penais e de direitos. E se de fato estes foram os nossos primeiros êxitos no âmbito da cultura, seguindo o enlace das análises em *Totem e Tabu* sobre o modo como a vida em comunidade se constitui ao longo do tempo, podemos dizer que esta possuiu uma fundamentação dupla: enquanto que por um lado os sujeitos eram regidos por *Ananke* e viam no trabalho compulsivo uma forma de dar conta das demandas criadas pela necessidade externa, do outro, *Eros* (pela via do amor sexual) fazia com que os homens não abandonassem suas mulheres (no caso, objetos sexuais) e estas, por sua vez, não dispensassem o que seria sua prole. Contudo, se à altura de 1913 era cabível esperar desta dupla relação constitutiva (*Ananke+Eros*) algum fim progressivamente melhor à sociedade⁴¹, agora, n’*O Mal-Estar na Civilização*, Freud

⁴⁰ FREUD, Sigmund. *O Mal-Estar da Civilização*, p. 62

⁴¹ O domínio cada vez mais sobre as forças da natureza ou ainda a ampliação gradativa do número de membros constituintes, por exemplo.

aponta sobretudo para as dificuldades de se “entender como essa cultura pode não tornar felizes os que dela participam”⁴².

Afirmou-se no decorrer de suas análises psicanalíticas que os amores sexuais proporcionam ao sujeito as mais fortes satisfações possíveis. Ao dispor o erotismo genital no centro das significações relacionadas à vida, encontrou-se no amor genital o esboço de toda felicidade. Mas como é de se esperar, este fulgor torna claro um outro aspecto, este sim preocupante, e que tem a ver com a nossa dependência em relação ao mundo externo e aos objetos amorosos escolhidos. Quando ama, o humano “fica exposto ao sofrimento máximo”⁴³. Invadido pelo receio de perdê-los, o amor submete o indivíduo às vontades e desejos de quem é amado. Atravessado pelas consequências da ação de *Eros*, quando ama, o sujeito tona-se frágil, dependente e submisso. E se de alguma forma consegue encontrar na vida conjugal o seu quinhão felicidade, o faz tendo que pagar um preço bastante alto: “tais pessoas evitam as oscilações e decepções do amor genital [...] transformando o instinto em um impulso *inibido na meta*”⁴⁴.

Impelidos à modificarem suas constituições psíquicas em favor de uma vida amorosa, o que empreendem estes sujeitos sobre si mesmos são os sentimentos estáveis e uniformes; coisa esta que é muito diferente do agito de uma vida amorosa genital. Concebendo, nisto, uma concepção ética, não são poucos que enxergam nesta tal disposição ao amor universal a mais sublime atitude. Todavia, como bem salienta Freud, diante de impulsos assim inibidos, não há como passar por alto a imperatividade de ao menos duas contraditas. Ora, se este amor universal não escolhe a quem amar, quem ama a todos comete duas grandes injustiças, pois não só deixa de lado o fato de que “nem todos os humanos são dignos de amor”⁴⁵, como faz com que seu objeto perca “parte do seu valor”⁴⁶.

Sendo este, portanto, um dos fatores constitucionais da vida familiar primitiva, dizemos ainda que o amor que as fundou continua ativo em nossa civilização. Seja pela via da satisfação sexual direta, seja pela possibilidade da ternura, buscou-se desde sempre dar prosseguimento às tentativas de unir números cada vez mais

⁴² FREUD, Sigmund. *O Mal-Estar da Civilização*, p. 64

⁴³ FREUD, Sigmund. *O Mal-Estar da Civilização*, p. 64

⁴⁴ FREUD, Sigmund. *O Mal-Estar da Civilização*, p. 64

⁴⁵ FREUD, Sigmund. *O Mal-Estar da Civilização*, p. 65

⁴⁶ FREUD, Sigmund. *O Mal-Estar da Civilização*, p. 65

consideráveis de pessoas numa só comunidade. De uma caracterização daqueles que seriam os diferentes usos da noção de amor⁴⁷, para Freud o amor inibido em sua meta foi, já em sua origem, um sentimento plenamente sensual. Ambos – amor sensual e inibido na meta – tateiam, portanto, limiares que vão além do universo familiar e fomentam, por assim dizer, a união com indivíduos até então desconhecidos. Enquanto “o amor genital conduz à formação de novas famílias, aquele inibido na meta, as ‘amizades’, que culturalmente se tornam importantes”⁴⁸. Conseguir transformar a ferocidade dos impulsos sexuais em sentimentos inibidos na meta é condição de formação dos laços de amizade, tão necessários ao reforço dos elos comunitários.

Contudo, é justamente com o avanço da cultura sobre o indivíduo que os vínculos estabelecidos entre o amor e a civilização deixam de ser indubitáveis. Eles nos são, antes, ambíguos e opacos. Se de um lado as relações amorosas vão na contramão dos interesses culturais, em contrapartida, é a cultura quem ameaça nossa vida afetiva à sensíveis restrições. Esta ambiguidade, diz Freud, é encontrada em sua primeira instância já na vida familiar. Impera aí um constante conflito contra a comunidade à que pertencem, uma vez que a família não quer jamais ceder seus indivíduos. E quanto maior for a coesão entre seus membros, tão mais tenderão a se ver separados dos outros, o que por si só dificulta o ingresso em círculos sociais mais amplos, haja vista que a separação da família se torna uma árdua tarefa.

Ora, mas se o amor é assim tão exclusivo, ou seja, se os membros de um grupo familiar (ou de amigos) são imperativamente contra a expansão do indivíduo para uma comunidade mais vasta, de acordo com a análise freudiana, são também as mulheres que, em segunda instância, contrariam a corrente englobante da civilização, a ponto de exercer fortes influências refrecedoras. Costuma-se dizer que são elas (as mulheres) quem representam a vida familiar e afetiva, ao passo que a cultura tornou-se assunto dos homens. Entretanto, é justamente porque alienam grande parte de seus deveres familiares que, segundo Freud, as mulheres atuam

⁴⁷ De acordo com os pressupostos de *O Mal-Estar na Civilização*, se podemos chamar de amor a satisfação das necessidades sexuais entre dois indivíduos, dizemos também ele se manifesta por meio dos sentimentos de ternura criados entre pais, filhos e amigos, ainda que, de fato, tenhamos de descrevê-lo como amor inibido na meta.

⁴⁸ FREUD, Sigmund. *O Mal-Estar da Civilização*, p. 66

como resistência às forças civilizatórias, não raro adotando atitudes hostis para com elas.

Diante das falhas do companheiro, “a mulher se vê relegada a segundo plano pelas solicitações da cultura e adota uma atitude hostil”⁴⁹. Penando sob o rigor de sérias proibições que a impedem de assumir aquilo que mais lhe interessa, no que diz respeito aos interesses sociais, a mulher, segundo Freud, vem personificar a faceta dissocial da sexualidade, pois é ela quem “diz a verdade sobre o amor”⁵⁰. Desta forma, se destes comentários sobre a mulher freudiana compreendemos como os laços sexuais são o único lugar onde os prazeres do corpo e da alma não se distinguem, entende-se também que eles só são assim dispendiosos (nem econômicos, nem mesquinhos) por que é ao feminino que compete a tarefa de suspeitar dos sentimentos inibidos na meta. Contra qualquer espécie de universalização do amor, o horizonte feminino possui a tendência atuar com descrença em relação a amizade, a afeição e ao carinho, “quando estes sentimentos tiverem como objetivo evitar o encontro com o corpo”⁵¹. Perturbando a tranquilidade homossexual dos vínculos afetivos⁵², o feminino lembra-nos o quanto o incesto nos é possível.

⁴⁹ FREUD, Sigmund. *O Mal-Estar da Civilização*, p. 67

⁵⁰ ENRIQUEZ, Eugène. *Da Horda ao Estado: Psicanálise do Vínculo Social*, p. 104

⁵¹ ENRIQUEZ, Eugène. *Da Horda ao Estado: Psicanálise do Vínculo Social*, p. 105

⁵² Se a mulher sabe o quanto os grupos sociais estão pautados por uma depreciação do amor, há de se salientar o caráter homossexual de tais vínculos. De acordo com Enriquez, ao escopo da psicanálise freudiana, o homossexualismo “se amplifica ao nível de uma civilização, que tende a fazer prevalecer o homogêneo, o repetitivo, a plenitude” (ENRIQUEZ, 1990, p. 105). Assim, tendo em conta que a civilização possui a tendência de privilegiar características masculinas, a mulher aparecerá como um fator perturbante à tranquilidade dos vínculos homoafetivos. Sobre isto, vale salientar a faceta conservadora e aparentemente antagonista de Freud quanto às mulheres e as pautas emancipatórias atreladas aos movimentos feministas. Com efeito, se de um lado falamos do reconhecimento do valor da fala histórica e da descoberta do inconsciente, do outro, é da luta por direitos igualitários e pela emancipação perante a sociedade masculinista que nos referimos. Passados mais de cem anos, este embate continua vivo, sendo, inclusive, “o principal ponto de embate e resistência para a difusão da psicanálise na cultura” (POLI, 2007, p. 08). Diante disto, não devemos esquecer que o gesto de admissão do recalque da pulsão sexual efetuado por Freud almeja uma análise profunda acerca das coerções corporais e penais instituídas sobre a sexualidade ao longo dos séculos precedentes. Apoiada pela admissão da sexualidade no agir humano, foi sobretudo a proposta de escuta do feminino que, para além da *Scientia Sexualis*,

Isto posto, no que tange o desenvolvimento de uma cultura, se já o totemismo nos guia pela proibição da escolha incestuosa, a via das leis e costumes fomentados pelos tabus nos faz enxergar certas restrições, que, por sua vez, atingem homens e mulheres. Por si só, a instâncias civilizatórias são contra o amor sexual, pois, se anteveem a impossibilidade de haver amor sem violência, proclamam a necessidade de certas proibições que impedem de nos relacionarmos com os objetos que mais amamos. A “civilização emerge, então, do recalque do primeiro amor”⁵³. E se as culturas são de fato distintas entre si, são suas estruturas econômicas quem exercem forte influência sobre o quinhão de liberdade sexual destinado à cada um: “a cultura segue a coação da necessidade econômica, pois tem de subtrair à sexualidade um elevado montante da energia psíquica que despende”⁵⁴.

Desde as proibições relacionadas à infância, as exigências uniformizantes de uma cultura atuam sobre os afetos como colonizadores que submetem uma tribo à suas vontades. Em relação aos indivíduos, a civilização não só ignora certas constituições inatas e adquiridas, como os priva de montantes bastante consideráveis de prazer

deu início a psicanálise. Em certo sentido, a psicanálise vem expressar “um mal-estar da sociedade burguesa, presa das variações da figura do pai, e o remédio para esse mal-estar” (ROUDINESCO, 2003, p. 45). Isto, não podemos negar, contribuiu (e continua contribuindo) não só à autenticação do desejo sexual de uma parte da sociedade que esteve até então destinada à passividade, mas à legitimação do desejo de liberdade das mulheres frente aos desejos do patriarcado. Neste sentido, parece que a psicanálise contribuiu não só ao advento de novas relações parentais, mas fermentou “um duplo movimento social que vinculava a emancipação das mulheres e dos filhos – e mais tarde dos homossexuais – à rebelião dos filhos contra os pais” (ROUDINESCO, 2003, pp. 45-46). Respeitados os limites interpretativos, talvez devêssemos acentuar que, apesar da reticências freudianas quanto as pautas feministas, em momento algum esquecemos que o direito de fala sobre as demandas pessoais e sociais deve pertence, prioritariamente, às mulheres. São elas, a mulheres, que diariamente enfrentam o machismo histórico onde vivemos! E por mais que a psicanálise demonstre que as escolhas pessoais partem de princípios aquém do âmbito tético, cabe a nós reconhecer e respeitar tais lutas. Portanto, reconhecemos que o elogio de Freud ao horizonte feminino é fundamental à libertação das mulheres enquanto seres de desejo, mas são as pautas feministas que introduzem ao “querer feminino” a possibilidade da liberdade de escolha.

⁵³ ENRIQUEZ, Eugène. *Da Horda ao Estado: Psicanálise do Vínculo Social*, p. 106

⁵⁴ FREUD, Sigmund. *O Mal-Estar da Civilização*, p. 68

sexual – “e se torna, assim, a fonte de grave injustiça”⁵⁵. Tentará continuamente reforçar os vínculos sociais por meio de identificações e, modificando a todo instante a libido inibida na meta, conduz a acreditar na indispensabilidade das restrições impostas sobre a vida sexual. Isto leva à conclusão de que nossa atual condição cultural está verdadeiramente prejudicada, pois não só se viu obrigada a desconsiderar a possibilidade de uma sexualidade como fonte autônoma de prazer, como fechou “os olhos para muitas transgressões que, segundo suas normas, deveria punir”⁵⁶. Assim, em meio às suas próprias restrições, o humano civilizado parece encontrar-se em decadência.

⁵⁵ FREUD, Sigmund. *O Mal-Estar da Civilização*, p. 69

⁵⁶ FREUD, Sigmund. *O Mal-Estar da Civilização*, p. 69

WARMLING, Diego Luiz; DOS SANTOS, Renato.

«Malestar y declive de la cultura en Freud».

HYBRIS. Revista de Filosofía, Vol. 11 N° 2. ISSN 0718-8382, Noviembre 2020, pp. 85-105

Referencias

ENRIQUEZ, Eugène. *Da Horda ao Estado: Psicanálise do Vínculo Social*. Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1990.

FREUD, Sigmund. (1927). << O Futuro de Uma Ilusão >>. En: FREUD, Sigmund. *Inibição, Sintoma e Angústia, O Futuro de Uma Ilusão e Outros Textos*. Companhia das Letras, São Paulo, 2014.

FREUD, Sigmund. (1930). << O Mal-Estar da Civilização >>. En: FREUD, Sigmund. *O Mal-Estar da Civilização, Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise e Outros Textos*. Companhia das Letras, São Paulo, 2010.

POLI, Maria Cristina. *Masculino/Feminino: A Diferença Sexual em Psicanálise*. Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 2007.

ROUDINESCO, Elisabeth. *A Família em Desordem*. Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 2003.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. *Dicionário de psicanálise*. Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1998.